

Apresentação

A presente edição da revista apresenta uma heterogeneidade temática interessante. Temas relacionados à política, à teoria social, à religião, à juventude e aos mundos culturais, dentre outros, sugerem uma leitura verdadeiramente enriquecedora e desafiante. Com este número, a nossa revista fecha um ciclo anual, começado com um dossiê que tratava a relação entre "Modernidade e Pós-modernidade", e continuado com uma pequena e muito sincera homenagem ao pensador francês recentemente falecido Jean Baudrillard. Finalizamos o ano com o mesmo desejo que nos deu início, instigando ao nosso amigo leitor a nos aproximar a cada dia mais, numa relação que só é possível pela presença do outro.

Para começar, Loïc Wacquant nos apresenta com um quadro analítico acerca do novo regime de marginalidade, próprio das sociedades pós-industriais. Destaca as propriedades espaciais que definiriam uma "marginalidade avançada", cujas implicações estariam originando uma necessidade crescente por redefinir o significado da "precariedade" nas nossas sociedades. Benjamin Arditi traz um lúcido trabalho que combina política com emancipação, com o qual nos parece sugerir que olhar para as políticas revolucionárias não pode surgir de um esquema totalmente "normalizado". O ingrediente central deste trabalho é uma refinada discussão que combina teoria política com as emergentes formas de agitação política e crítica social. Continuando com a cultura juvenil, o trabalho coletivo vindo da Universidad Católica Andrés Bello, produto de uma pesquisa de campo verdadeiramente abrangente, estuda as dimensões dos valores dos jovens estudantes da mencionada universidade venezuelana, constatando-se uma significativa valoração às relações entre seus iguais e um compromisso com o coletivo, algo, talvez, um tanto curioso para quem *a priori* tem aceitado a sentença de um suposto acelerado processo de individualização dos jovens atuais, sob o primado da competitividade e egoísmos próprios destas épocas. Por outro lado, Gabriel Cocimano sintetiza no seu trabalho as implicações que o conceito identidade adquire quando se apela à análise dos latino-americanos que passam a residir nos Estados Unidos e na Europa. O assunto da identidade ou das identificações culturais é também tratado no trabalho de José Rogério Lopes a partir da dimensão religiosa, numa interessante observação e descrição das biografias e prédicas de dois personagens que se submergem no contexto urbano e as suas práticas religiosas. Carlos Eduardo Sell faz o próprio numa interessante aventura teórica que conecta as discussões sobre a modernidade a partir do diagnóstico weberiano feito por vários autores

brasileiros com uma particular preocupação por entender a realidade brasileira atual. O resultado é uma lúcida proposta por transitar pelas duas principais leituras de Weber e o diagnóstico e consolidação da modernidade à brasileira. Daniel de Mendonça apresenta um debate atual e muito bem elaborado acerca da noção de hegemonia no pensamento político do pensador Ernesto Laclau. Demonstrando a sua aplicabilidade no caso político do Brasil, o autor analisa dois movimentos políticos significativos para a história do país. A continuação, outros dois importantes pensadores sociais se dão cita. Na mão dos pesquisadores Flavio Ramos e Sérgio Januário, Giddens e Bourdieu entram numa sinergia muito curiosa: na análise de como se constitui o mundo social e a reflexividade. A preocupação de fundo parece residir na possibilidade de poder dar resposta à eventual existência (ou não) de agentes sociais que "reflexivamente" estão em condição de liberdade para desenhar o mundo social em que estão inseridos. Por fim, próprio das análises das transformações do mundo do trabalho e das organizações, Attila Magno e Silva Barbosa apresenta um estudo sobre os projetos de responsabilidade social empresarial e as suas influências nas comunidades beneficiadas. Na seção *Opinião* desta edição, Zenda Liendivit, com seu olhar nos limites entre o cinema e a arquitetura, sugere um olhar para as cidades desde uma analogia ao curta-metragem "Odisea em Bijlmer", recriando um bairro da Amsterdã dos anos 60. Randall Collins é um autor realmente pouco lido na área das ciências sociais, algo que Luiz Antonio de Castro Santos parece perceber. Desta maneira, na seção *Resenha*, este nos apresenta com uma interessante viagem pela teoria sociológica desse pensador, teoria que resolve muito bem as influências intelectuais do interacionista George H. Mead e o trabalho contemporâneo de Goffman. Como o próprio autor manifesta, o olhar de Collins atende à análise do mundo das emoções cotidianas, da moralidade, da ritualidade e da diversidade social.

Assim, e já nos deparando com o fim do ano, a nossa revista reitera o convite aos nossos leitores para uma leitura amena e diversificada, algo que se considera possível pela gentil colaboração dos que colaboraram com seus trabalhos e pensamentos. Só resta agradecer e desejar para todos um bom fim de ano e um frutífero novo ano de 2008. Boa leitura! E até o próximo ano!

Carlos A. Gadea
Editor

